

A ILUSÃO DA IMORTALIDADE A IDALATRIA DOS SONHOS

O recolhimento interior da oração consiste em ultrapassar os limites da nossa frágil e limitada existência terrena e aproximar-se de Deus, origem e fim da nossa vida, do qual tudo depende. Sem este encontro com Deus que nos ama e nos faz ouvir a Sua voz, o silêncio e a solidão seriam espaços vazios, sem vida.

A oração é relação íntima com Deus, uma realidade tão profunda, da qual é difícil falar e, muitas vezes, é considerada uma atividade inútil ou supersticiosa. Mesmo assim, não podemos deixar de falar da oração, porque sem oração perdemos o contato com Deus, que é o centro da nossa vida espiritual. Sem ela, perdemos o contacto com a nascente da Vida, com o centro vital, onde tudo nasce e desenvolve.

O maior obstáculo que impede o ingresso para esta profunda dimensão espiritual, onde tem lugar a oração, é a ilusão da imortalidade. Em princípio parecerá improvável, ou simplesmente absurdo, que alguém tenha uma ilusão como esta, visto que, a muitos níveis, todos estamos perfeitamente conscientes da nossa mortalidade. Todos sabemos que devemos morrer, é só questão de tempo.

No entanto, como dissemos, falando da solidão e dos relacionamentos para com os outros, as coisas não são tão simples. Todas as vezes que procuramos ansiosamente um ser humano, com a secreta esperança de que nos liberte das cadeias do nosso isolamento e todas as vezes que levantamos muros de defesas para proteger a nossa vida, como se fosse uma propriedade inalienável, estamos, de facto, encalhados na obstinada ilusão da imortalidade. Embora, continuemos a dizer uns para os outros que somos mortais, que não temos aqui uma morada permanente e que, de repente, talvez mas cedo de quanto imaginamos, chegará a morte, as nossas ações cotidianas, os nossos pensamentos, os nossos interesses continuam a nos revelar quanto nos é difícil aceitar plenamente as nossas declarações de mortalidade.

Acontecimentos insignificantes, aparentemente inocentes, continuam a confirmar-nos com quanta facilidade eternizamos a nós próprios e o nosso mundo. Basta uma palavra hostil para nos deitar na tristeza do isolamento. Basta uma pequena recusa para nos imergir em sentimentos de autocomiseração. Basta um pequeno fracasso para cairmos numa depressão destrutiva. Embora, aprendemos pelos pais, pelos mestres, pelos amigos, pelos livros, sagrados e profanos, que o nosso valor supera o que o mundo lhe atribui, contudo, continuamos a dar um valor eterno às coisas que possuímos, às pessoas que conhecemos, aos êxitos que recolhemos. Na realidade, basta uma pequena contrariedade para que a ilusão de imortalidade se manifeste e nos revele como nos tornamos vítimas do mundo que nos rodeia, sugerindo-nos que temos nas mãos as rédeas da nossa vida.

A tristeza, o ressentimento, o desânimo e, também, o mais negro desespero, não são porventura intimamente ligados à excessiva seriedade com que consideramos a nós próprios, as pessoas que conhecemos, as ideias em que somos expostos e os acontecimentos que partilhamos? Esta falta de distância que exclui o humorismo da nossa existência pode criar uma sufocante depressão que nos impede de levantar a nossa visão para além dos confins da nossa limitada existência.

3. Sentimentalismo e violência

Para nos aproximarmos um pouco mais da ilusão da imortalidade, apresentamos os dois sintomas mais visíveis: o sentimentalismo e a violência. São duas formas de comportamento aparentemente diferentes, mas que podem ser vistos, na perspectiva da espiritualidade, como ligadas à ilusão da imortalidade.

O sentimentalismo aparece de frequente lá aonde os relacionamentos mais próximos se tornam «mortalmente pesados»: as pessoas agarram-se umas das outras com uma força quase suicida. Todas as vezes que descarregamos sobre os outros, simples seres humanos, expectativas imortais, a separação, ou ameaça do que esta possa acontecer, podem desencadear sentimentos incontroláveis.

O outro aspeto que manifesta a ilusão da imortalidade é a violência. Não deve parecer estranho que o sentimentalismo e a violência se encontrem na mesma pessoa. Hitler ficava comovido até as lágrimas

vendo uma criança e, ao mesmo tempo, mostrava a sua cruel ferocidade para milhares de pessoas, que morreram nos campos de extermínio. A mesma ilusão que em certos casos leva às lágrimas pode conduzir noutros casos à violência.

As relações humanas facilmente se tornam violentas e destrutivas, quando tratamos a nossa própria vida e vida dos outros como propriedades inalienáveis a serem defendidas ou conquistadas e não como dons a receber com gratidão.

Muitas vezes a violência revela-se mesmo no centro das relações mais íntimas. Os confins entre beijar e morder, acariciar e bater, ouvir e espionar, olhar com ternura e olhar com desconfiança, são realmente muito frágeis. Quando a ilusão da imortalidade, tão escondida, começa a predominar, o desejo de ser amado se transforma rapidamente em violência. Quando, pelas nossas necessidades insatisfeitas carregamos os nossos irmãos com expectativas quase divinas, exigindo deles uma satisfação total, exigindo o que como seres humanos nos podem dar, estamos a transformá-los em ídolos, e a nós mesmos, em demônios.

Quando pretendemos dos outros uma resposta que ultrapasse os limites humanos, caímos na ilusão de imortalidade, com atitudes e comportamentos que degeneram para os níveis mais baixo do que é humano. Quando operamos sob a ilusão de que o mundo nos pertença, como se a vida fosse uma propriedade privada, que ninguém pode nos tirar, os outros se tornam uma ameaça e a intimidade impossível.

Para alcançarmos uma verdadeira intimidade devemos desmascarar a ilusão da imortalidade e aceitar plenamente a morte. Isto será praticamente impossível sem a capacidade de ultrapassarmos os limites humanos e nos aproximarmos de Deus. Só entrando na intimidade d'Aquele que nos gerou e que toda a intimidade humana se torna libertadora.

A Idolatria dos sonhos

A ilusão da imortalidade é mais forte de quanto podemos imaginar. Embora, durante o dia, em plena consciência, podemos dizer somos mortais, transeuntes e que nada levaremos connosco, a não ser o amor, e até cultivamos a convicção de que a vida é um dom precioso de Deus, durante os sonhos, da noite e do dia, continuamos a criar imagens imortais.

Se durante dia, nos sentimos como crianças pequenas, a nossa mente frustrada é até demais generosa em transforma-nos em grandes heróis durante os sonhos: heróis vitoriosos, admirados, mesmo por aqueles que não nos valorizaram durante a vida – heróis trágicos, reconhecido tarde demais por aqueles que nos criticaram durante a vida.

Durante os sonhos é possível tornarmo-nos com o primeiro José, que generosamente perdoa os seus irmãos, ou como o segundo José que, com paternal solicitude socorreu o filho de Israel perseguido naquela terra. Durante os sonhos podemos livremente levantas monumentos em honra do nosso martírio e queimar incenso diante do nosso eu ferido.

As imagens mentais com as quais apagamos os nossos desejos insatisfeitos servem para nos recordar com quanta facilidade nós colocamos um ídolo em lugar do outro. Desmascarar as ilusões durante as vinte e quatro horas do dia é uma tarefa difícil, muito mais difícil de que podemos imaginar.

Seria simplesmente insensato mudar diretamente o endereço dos nossos sonhos ou ficarmos preocupados pelas imagens repentinas que nos invadem durante a noite. Os ídolos dos sonhos, contudo, servem para nos recordar que ainda temos um longo caminho a percorrer antes de chegarmos ao encontro com Deus, não o Deus que criamos com as nossas mãos e com as nossas mentes, mas o Deus Criador, que nos criou com as suas mãos amorosas. A idolatria, que é adoração dos ídolos mentirosos é uma tentação muito mais forte de quanto podemos desejar de acreditar. Deveremos ter muita fidelidade e muita paciência afim de permitir, não só à nossa vida consciente, mas também à nossa vida inconsciente de se deslocar da ilusão à oração.

São Basílio, pai do monasticismo da Igreja Ortodoxa oriental, que viveu no século IV, disse muito claramente que os sonhos não podem ser eliminados da vida espiritual. Quando lhe perguntaram: «Quais são as origens das fantasias das fastiosas fantasias noturnas?» ele respondeu: «surgem pelos movimentos desordenados da alma durante o dia», isto é, quando estamos acordados. Porém, quando o homem se concentra na presença de Deus e na Sua Vontade, purifica a sua mente, fixando constantemente a atenção para as coisas boas e para aquelas que agradam a Deus, então os seus sonhos serão cheios dessas coisas e não de outras»

Mesmo que as ilusões dos sonhos não possam ser diretamente orientadas para a direção desejada, a nossa vocação é, na realidade, aquela de nos aproximarmos de Deus, não só durante o dia, mas também durante o sono. Com paciência e constância devemos desmascarar lentamente a ilusão da imortalidade, dispersando também as imagens ilusórias criadas das nossas mentes frustradas, estendendo os braços para as profundezas dos mares e para os céus excelsos, numa oração constante. Com o movimento da ilusão à oração deslocamos a nossa atenção dos refúgios defensivos até a morada de Deus.

Henry J.M. Nouwen, *Os três movimentos da vida espiritual, viagem espiritual para o homem do nosso tempo*, pp. 105-111

(Texto resumido por Padre Leo)